***ex æquo* nº 36**

APELO A CONTRIBUTOS/CALL FOR PAPERS

**Dossiê: *Género, educação e cidadania: conhecimento, ausências e (in)visibilidades***

Coordenação: Cristina C. Vieira – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS 20), Portugal.

Teresa Alvarez – Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais (CEMRI)/Universidade Aberta, Portugal.

Joanna Ostrouch-Kaminska, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Warmia e Mazury em Olsztyn, Polónia.

**Data de submissão: 15 de maio de 2017 (a publicar em novembro de 2017)**

A premência de se usar uma abordagem *sensível ao género* nos diferentes contextos e espaços educativos, formais e não formais, parece não carecer de grandes justificações, dadas as evidências da manutenção, e da reconfiguração, de desigualdades e de discriminações sexuais assentes no diferencial de poder entre mulheres em homens, em diferentes domínios. Em virtude das múltiplas pertenças das pessoas e das suas circunstâncias individuais e sociais, este diferencial de poder entre mulheres e homens, indissociável da interseccionalidade de características, coloca desafios nem sempre conscientemente desocultados e enfrentados por quem ensina e por quem aprende.

A educação formal e o sistema escolar, em particular, partilham, inevitavelmente, dos alicerces sexistas em que se fundamenta a desigualdade social entre mulheres e homens e que são comuns a todos os outros sistemas sociais, do mercado de trabalho e emprego à academia, da política à cultura. Como sublinha Nicole Mosconi (2009), os mecanismos sociais de género atuam dentro da escola da mesma forma como existem e atuam no conjunto da sociedade, o que permite explicar que as dinâmicas escolares, de discentes e docentes, proporcionem a vivência de experiências diferentes a rapazes e a raparigas. As aprendizagens de cada um dos sexos, quer em torno de conhecimentos, quer inerentes ao desenvolvimento de competências pessoais e sociais, consubstanciam, de forma dinâmica, performatividades e visões genderizadas de si, do outro e do mundo, a partir das quais se constroem, e se reconstroem, relações de poder entre os sexos persistentemente assimétricas. Estas dificilmente se alterarão se o conhecimento androcêntrico transmitido pela escola, aquele que é selecionado para ser ensinado e para ser aprendido, não for objeto de questionamento, renovação e atualização, tornando-se igualmente emancipador para raparigas e para rapazes (Alvarez e Vieira 2014).

A educação garante, entre outras, aprendizagens em torno de regras e padrões de convivência que condicionam as relações entre os sexos, configuradas e performativadas no quadro de uma cultura androcêntrica dominante. Esta constitui talvez um dos mais poderosos e invisíveis mecanismos de reprodução e de legitimação das desigualdades sociais entre homens e mulheres. A incorporação desta cultura androcêntrica, persistentemente hegemónica e presente nos diversos contextos, formais e não formais, de educação e de ensino, traduz-se em aprendizagens de subordinação, como lembra Marina Subirats (2016), assim como na ‘naturalização’ da diferenciação valorativa conferida a diferentes saberes e áreas científicas.

Não obstante o caminho já percorrido, fruto dos progressos sociais norteados pelas políticas internacionais ratificadas e integradas nas políticas públicas nacionais dos diferentes países, continua a constatar-se a atualidade da afirmação de Teresa Pinto (2007, 34) de que “a mudança não é, pois, algo que se produz de modo automático e natural à medida que as novas gerações vão crescendo e substituindo as anteriores. As conceções estereotipadas que associam as profissões próprias para os homens à sua função de ‘ganha‑pão’, isto é, de sustento da família, e as profissões adequadas às mulheres à sua função ‘maternal’, persistem na sociedade portuguesa e atravessam todas as gerações”.

Um ato educativo *sensível ao género* deve ser entendido, seguindo o pensamento de Edmée Ollagnier (2014), como a possibilidade de permitir às pessoas, que aprendem, uma igualdade “de acesso às oportunidades da vida” (p. 223). Sabe-se que esses trajetos pessoais são construídos desde muito cedo e que para os mesmos concorrem quer as aprendizagens feitas em contextos formais, como a escola, quer aquilo que se aprende em contextos não formais, da infância à idade adulta avançada, sendo que essas aprendizagens nem sempre mobilizam – por parte de quem aprende – uma intencionalidade, nem um sentido crítico capaz de avaliar os conteúdos aprendidos e o seu potencial impacto nas decisões pessoais em matérias diversas (Ostrouch-Kaminska e Vieira 2015).

A integração da igualdade entre mulheres e homens como um dos eixos estruturantes do sistema educativo, da educação de infância ao ensino pós-graduado, permanece um imperativo dos países europeus, apesar das diferenças nas políticas nacionais e o maior ou menor sucesso das iniciativas políticas de *mainstreaming* de género na educação. Estas têm naturalmente de abranger a formação, inicial e contínua, de profissionais de educação e implicam alterações profundas, quer no modo como as instituições educativas e de ensino cumprem a sua missão, quer na cultura organizacional que as carateriza, exigindo a renovação das suas relações de parceria com os diferentes *stakeholders*. É no quadro da educação para a cidadania das novas gerações, uma das atuais prioridades dos sistemas educativos e das próprias políticas, que Madeleine Arnout (2009) questiona o modo como a integração das temáticas de género responde aos desafios que, no século XXI, a globalização e uma nova visão holística dos direitos humanos têm vindo a colocar à democracia.

Este dossiê temático da revista *ex æquo* nº 36 pretende convocar diferentes abordagens sobre as relações entre as questões de género, as diferentes modalidades de educação e as variadas formas de experienciar e exercer direitos e deveres subjacentes a uma conceção plural de cidadania. Importa trazer para o debate perspetivas sobre práticas, espaços e agentes educativos que promovam a valorização, de igual forma, junto de mulheres e homens, das dimensões pública e privada da vida humana e a utilização partilhada e equilibrada, por elas e por eles, do tempo, do espaço e dos recursos disponíveis. Perante os desafios colocados por problemas emergentes dos nossos dias, complexificados pela intersecção de identidades e pertenças de indivíduos e grupos, torna-se premente que os sistemas educativos, os *curricula* da formação inicial e contínua de docentes e as políticas que regulam o domínio setorial da educação sejam capazes de dar respostas cabais às necessidades reais das pessoas (European Commission 2016).

O apelo a contributos para este dossiê temático convida à submissão de artigos de natureza teórica ou empírica de investigadores/as nacionais e internacionais, das diferentes áreas disciplinares direta ou indiretamente implicadas nas reflexões sobre o papel da educação, entendida, em sentido lato, como especificidade humana e como um “ato de intervenção no mundo”, fazendo uso das palavras de Paulo Freire (2000, 22). Serão muito bem-vindos trabalhos de investigação norteados por perspetivas feministas, no quadro dos estudos de género e estudos sobre as mulheres, em qualquer área do saber, de cariz disciplinar, interdisciplinar ou multidisciplinar.

Partindo de perspetivas construcionistas sobre a forma como as dinâmicas de género são negociadas nas relações sociais, sugere-se que sejam trazidos para o debate temas praticamente omissos da agenda da chamada ciência *mainstreaming,* assim como problemáticas habitualmente secundarizadas nas diversas áreas científicas, fruto da utilização de métodos de investigação tradicionais, de inspiração positivista (Järviluoma, Moisala and Vilkko2003).

Não esgotando o leque de temas possíveis, sugerem-se os seguintes eixos temáticos:

- O lugar das questões de género na educação formal, da escolaridade obrigatória ao ensino pós-secundário: ambientes, interações pessoais e coletivas, dinâmicas organizacionais, utilização dos recursos.

- Género e cidadania: o papel do conhecimento científico na promoção da igualdade social entre mulheres e homens.

- Género, ciência e cultura académica: androcentrismo, cânones e saberes instituídos.

- Género e *curricula* em diferentes ciclos do sistema educativo: (in)coerências e divergências/convergências entre discursos e práticas educativas.

- Representações de género, hegemonias e diversidades: aprendizagens de subordinação e aprendizagens de domínio.

- Do sucesso escolar ao sucesso educativo e ao sucesso social de raparigas e rapazes.

- Paradigmas masculinos e paradigmas femininos na educação escolar: centralidades e marginalidades.

- Entre os mundos virtual e real: novos espaços informais e relações sociais de género.

- Problemáticas de género na formação inicial e contínua de docentes: o papel das instituições de ensino superior;

- Género e formação contínua de docentes: parcerias locais e dinâmicas regionais;

- Relações de género, educação e capacitação de pessoas ou grupos em situações de vulnerabilidade (ex., mulheres idosas com baixos níveis de literacia; mulheres ou homens migrantes; pessoas com deficiência e/ou necessidades educativas especiais).

- Género e transversalidade disciplinar: saberes disciplinares e competências transversais na formação de profissionais de educação.

**Referências**

Alvarez, Teresa e Cristina C. Vieira. 2014. O papel da educação no caminho que falta percorrer em Portugal na desconstrução dos estereótipos de género: breves reflexões. *Exedra*, 8-17. Disponível em: <http://www.exedrajournal.com/wp-content/uploads/2014/12/sup14-8-17.pdf>

Arnot, Madeleine. 2009. *Educating the Gendered Citizen. Sociological engagements with national and global agendas.* London: Routledge.

European Commission. 2016. *Promoting citizenship and the common values of freedom, tolerance and non-discrimination through education*: Overview of education policy developments in Europe following the Paris Declaration of 17 March 2015. Luxembourg: Publications Office of the European Union. Disponível em: <https://webgate.ec.europa.eu/fpfis/mwikis/eurydice/images/1/14/Leaflet_Paris_Declaration.pdf>

Freire, Paulo. 2000. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa* (15ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.

Järviluoma, Helmi, Pirkko Moisala, Anni and Vilkko. 2003. *Gender and Qualitative Methods*. London: Sage Publications. **DOI:** <http://dx.doi.org/10.4135/9781849209199>

Mosconi, Nicole. 2009. “Genre et pratiques scolaires: comment éduquer à l'égalité? ”, In *Égalité filles-garçons à l'École: réalités et perspectives (actes)*, Ministère de l’Éducation National. Disponível em: <http://eduscol.education.fr/cid47785/genre-et-pratiques-scolaires%C2%A0-comment-eduquer-a-l-egalite%C2%A0.html>

Ollagnier, Edmée. 2014. *Femmes et défis pour la formation des adultes. Un regard critique non-conformiste*. Paris: L´Harmattan.

Ostrouch-Kaminska, Joanna, & Cristina C. Vieira. 2015 (Eds.). *Private world(s). Gender and informal learning of adults.* The Nertherlands: Sense Publishers. Disponível em: <https://www.sensepublishers.com/media/2281-private-worlds.pdf>

Pinto, Teresa. 2007. “Mulheres, Educação e Relações Sociais de Género: uma perspetiva histórica”, In *A dimensão de género nos produtos educativos multimédia,* editado porDGIDC, 31-46. Lisboa: DGIDC.

Subirats Martòri, Marina. 2016. “De los dispositivos selectivos en la educación: el caso del sexismo”. *Revista de la Asociación de Sociología de la Educación* (RASE) *9* (1): 22-36

Envio de artigos com escrupuloso cumprimento segundo normas apresentadas em <http://www.apem-estudos.org/en/page/apresentacao-da-revista>, até 15 de maio de 2017, ao cuidado de Cristina C. Vieira (Universidade de Coimbra), Teresa Alvarez (Universidade Aberta) e Joanna Ostrouch-Kaminska (Universidade de Mazury e Warmia em Olsztyn), para o endereço [apem1991@gmail.com](mailto:apem1991@gmail.com)

Os textos que não respeitarem as normas quanto à extensão, à formatação e ao modo de citar e referenciar as fontes bibliográficas serão excluídos numa primeira triagem antes de serem submetidos a arbitragem. No prazo de quatro semanas após a data limite de receção, as/os autoras/es receberão a informação sobre os resultados da primeira triagem e a passagem à etapa seguinte, isto é, a submissão à arbitragem científica do texto. A data prevista de saída deste número é novembro de 2017.

**Além das submissões para os dossiêstemáticos, a *ex æquo* aceita permanentemente contributos para as secções de Estudos e Ensaios e Recensões.**

***ex æquo***

é uma revista internacional de periodicidade semestral publicada desde 1999, editada pela Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres – APEM, em parceria com as Edições Afrontamento. (http://www.apem-estudos.org/pt/page/apresentacao-da-revista)

A *ex æquo* dirige-se a um público internacional, aceitando manuscritos submetidos em Português, Inglês, Francês e Espanhol, de vários países. Tem como objetivo assegurar a publicação de originais que contribuam de forma significativa para o avanço do conhecimento na área dos Estudos sobre as Mulheres, Feministas e de Género.

Os artigos enviados à *ex aequo* para publicação são submetidos, sob anonimato, a um processo de dupla arbitragem independente (double blind peer review) por especialistas a nível nacional e internacional na respetiva área em que o texto se enquadra ou referencia.

A ***ex æquo***é apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) ([http://alfa.fct.mctes.pt/apoios/facc/estatisticas/periodicos\_2002\_2006#sociais](https://webmail.netcabo.pt/exchweb/bin/redir.asp?URL=http://alfa.fct.mctes.pt/apoios/facc/estatisticas/periodicos_2002_2006%23sociais)).

**E está indexada em**:

**SciELO Citation Index da Thomson Reuters:** *SciELO Citation Index -* [*http://apps.webofknowledge.com/SCIELO*](http://apps.webofknowledge.com/SCIELO)**;**

**SciELO*/*Portugal – Scientific Eletronic Library Online, desde 2008:** http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\_serial&pid=0874-5560&lng=pt&nrm=iso

**Catálogo Latindex** – Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal: <http://www.latindex.unam.mx/latindex/ficha?folio=14734> ;

**ERIH PLUS (European Reference Index for the Humanities)**: <https://dbh.nsd.uib.no/publiseringskanaler/erihplus/periodical/info?id=482587>.

Por favor, consulte toda a informação sobre a revista no website:

<http://www.apem-estudos.org/pt/page/apresentacao-da-revista>